

O PROCESSO DE FABRICAÇÃO DO ARTESANATO DE BARRO NA COMUNIDADE DE ÁGUA BOA II, MINAS GERAIS, BRASIL

Alberto Luiz Pereira da Costa

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
albertodacosta@terra.com.br | ORCID 0000-0002-5787-146X

Alzira da Soledade Pedro

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
alzirapedro2@gmail.com

Resumo

O estudo apresenta um relato de experiência sobre a construção de registros e materiais do artesanato de barro da Comunidade Água Boa II, norte do estado de Minas Gerais, Brasil. A pesquisa contempla entrevistas com duas artesãs que mantêm o modo tradicional de trabalhar com o barro, preservando o *fazer artesanal*. No período de 1980 a 2000, o artesanato de barro foi a base econômica da referida comunidade, porém, atualmente esta prática se faz cada vez menos presente no cotidiano dos moradores. Desse modo, o presente estudo teve como objetivo investigar o processo de confecção de peças artesanais como jarros, panelas e filtros, além da compreensão da relevância cultural e econômica desta prática, abordando questões referentes à cultura do trabalho feminino. Durante a pesquisa, percebemos que o artesanato tradicional sofreu uma queda, tanto na confecção quanto na geração de renda, exigindo que as artesãs se reinventassem para continuar praticando sua arte.

Palavras-chave: Artesanato; Tradição Cultural; Educação; Trabalho Feminino.

Abstract

The study presents an experience report on the construction of records and materials of the clay crafts of the Community Água Boa II, north of the state of Minas Gerais. The research includes interviews with two artisans who maintain the traditional way of working with clay, preserving the craft. In the period from 1980 to 2000 the



handicraft of clay was the economic base of the community Água Boa II, north of Minas Gerais, but nowadays this practice is less and less present in the daily life of the residents. Thus, the present study aimed to investigate the process of making handcrafted pieces, such as jugs, pots and filters, as well as the understanding of the cultural and economic relevance of this practice, addressing issues related to the culture of women's work. We noticed in the research that either the traditional crafts suffered a fall, in the making or in income generation itself, this has enabled artisans to take a broad view of reinventing themselves in the nowadays world of work.

Keywords: Handicraft; Cultural Tradition; Education; Female Work.

Introdução

A cultura de um país é representada por todas as práticas e bens, sejam materiais ou imateriais, que seu povo produz. O Brasil tem um rico repertório de práticas que configuram o patrimônio cultural e identitário de seu povo, práticas estas que foram herdadas das diversas culturas que nos compõem e que, ao longo da história, foram colocadas em segundo, senão em último lugar, no espectro de nossas representatividades. De acordo com Néstor García Canclini, em contextos agrícolas e de campesinato “o artesanato emerge como a alternativa econômica que permite a um grande número de camponeses a permanência no campo” (Canclini, 1983, p. 93).

Em se tratando do Brasil, o artesanato é visto como parte da cultura material brasileira, de modo que as peças de artesanato produzidas por nossas comunidades ganham relevante destaque no tocante à afirmação da identidade cultural, se pensarmos com Canclini (1983, p. 93): “As peças de artesanato adquirem assim um papel destacado na vida cotidiana e contribuem de modo duplo para reforçar a identidade cultural: por tratarem-se de objetos, técnicas de produção e de desenhos que estão enraizados na própria história destes povos.”

Falar em cultura brasileira implica considerar que espetáculos como carnaval e futebol têm um valor tão simbólico quanto os bonecos de barro do Mestre Vitalino, produzidos no Nordeste do país. Mas nem só de bonecos de barro famosos vive a prática artesanal nordestina, haja vista que nessa região é possível encontrar comunidades que, por muito tempo, viveram quase exclusivamente da confecção de



objetos moldados em argila e que hoje ainda persistem em manufaturar utensílios variados, preservando uma atividade que concentra memórias e valores de um tempo em que os objetos não tinham prazo de validade.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre questões referentes à cultura do trabalho feminino inserido no processo de confecção do artesanato de uma comunidade no Norte de Minas Gerais, que, entre 1980 e 2000, manteve sua economia com base nesta produção. Durante nosso percurso, buscamos investigar como é desenvolvida a produção do artesanato de barro por um grupo de artesãs da comunidade Água Boa II; valorizar questões culturais, de educação e de tradição de pessoas moradoras no norte de Minas Gerais; entender e analisar o processo de produção do artesanato de barro como fonte de renda e sua produção atual.

É importante ressaltar que nosso trabalho de forma alguma é exaustivo, mas representa uma reflexão e organização de dados importantes sobre as condições de trabalho a que estão submetidas as mulheres artesãs da Comunidade Agua Boa II, desvelando, por meio das entrevistas realizadas, suas aspirações, anseios e medos, assim como suas experiências afetivas ao longo de décadas como arrimo de família e artistas mergulhadas em um fazer artesanal que vem perdendo prestígio perante a sociedade como um todo e, conseqüentemente, perdendo valor comercial no mundo do trabalho.

A Comunidade de Água Boa II: Educação e Cultura do Barro

Na comunidade de Água Boa II, situada no norte de Minas Gerais, encontra-se um processo particular de confecção do artesanato de barro. Considerado como uma tradição cultural, o fabril do artesanato de barro representa uma das principais fontes de renda para as moradoras locais e suas famílias. A comunidade foi povoada ao longo do tempo. As histórias coletadas para composição desse trabalho estão baseadas em relatos de antigos moradores, que nos fornecem detalhes sobre essa a comunidade e nos ajudam a entender como se deu sua origem e permanência, considerando a formação da comunidade e sua relação com a terra.

A referida comunidade dista de aproximadamente 18 km da sede município da cidade de Rio Pardo de Minas Gerais; possui aproximadamente 400 pessoas, que fazem parte das 81 famílias residentes na localidade. O nome da comunidade remete à excelente qualidade da água e à ocorrência de muitas nascentes, as quais formam a bacia do córrego Água Boa II, que alimenta o rio Pardo em um percurso de 29 km



desde sua nascente, que deu nome à cidade Rio Pardo de Minas.

Em meados dos anos de 1950, foram construídas as primeiras casas, pois até então a região contava apenas com grandes fazendas e poucos proprietários. As residências eram muito simples, sendo a maioria de pau-a-pique, todas cobertas de folhas de palmeira. “Alguns chegando até a morarem em casas todas de pindobas”, segundo depoimento de uma moradora local.

O acesso à cidade era realizado a pé, em meio a trilhas, pois não havia estradas. O único meio de transporte era o cavalo, e assim mesmo era um meio escasso em virtude da ausência de estradas. Quando havia necessidade, emprestavam-se animais para transporte. Com o tempo, o uso do cavalo para o transporte comercial entre o campo e a cidade tornou-se usual na circulação de mantimentos e artesanatos.

Em virtude da ausência de escolas e professores na comunidade, muitas pessoas cresceram sem oportunidade de escolarização, de modo que poucas foram alfabetizadas. Além das dificuldades mencionadas, a necessidade de que as crianças ajudassem os pais no campo ou nos afazeres domésticos era agravada pelas longas distâncias que tinham que percorrer para alcançarem a casa de um alfabetizador. Na comunidade de Água Boa II, a alfabetização formal teve início em 1992, quando um profissional capacitado passou a ensinar na sala de uma casa cedida por um morador, seu Joaquim, muito interessado e preocupado em alfabetizar seus filhos. Somente no ano de 1996 é que foi construído, com o apoio da prefeitura local, um prédio escolar para atender a comunidade.

A forma de interação social mais comum, à época, eram as festas religiosas, relacionadas às práticas católicas, como São João, Folia de Reis, Nossa Senhora Aparecida, dentre outras. Segundo depoimentos locais, o lazer era comum nos domingos à tarde, ocasião em que as pessoas se encontravam para o jogo de malha¹ e futebol. Recentemente a comunidade foi agraciada com a construção de uma igreja e de um salão comunitário. De alguma forma, e com o esforço de todos, as tradições da comunidade foram sendo repassadas, perpetuando a permanência de camponeses que cultivam nas baixadas dos córregos e nos seus quintais; cultivam pomares, temperos, ervas medicinais, pequenos animais para consumo e alimárias.

¹ Jogos feitos de madeira ou ferro, comuns nos domingos à tarde na comunidade de Água Boa II.



Ciência do Artesanato de Barro, Cultura e Educação: Fonte de Geração de Renda

O contexto socioeconômico da comunidade Água Boa II revela fragilidades e vulnerabilidades decorrentes da escassez de trabalho formal, agravadas pelo avanço da monocultura do eucalipto e pela migração de jovens e adultos para cidades vizinhas ou para o sul de Minas, com vistas ao trabalho na lavoura de café, ou ainda para algumas regiões do interior de São Paulo, para trabalhar no corte da cana-de-açúcar (Fróes, 2017).

Segundo Ecléa Bosi (1986, p. 13), “Quando desejamos compreender a cultura das classes pobres percebemos que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes.” Isto posto, cabe comentar aspectos da realidade socioeconômica das famílias da comunidade que são, em sua maioria, dependentes dos programas de auxílio de complementação de renda, oriundos de projetos federais ou municipais, como o Programa Bolsa Família, conforme estudo realizado por Tereza Campello (2013):

O Programa Bolsa Família tem se afirmado com uma experiência bem-sucedida devido à sua ampla cobertura e ótima focalização, e também aos relevantes impactos sobre as condições de vida da população beneficiária. Muitos pontos positivos foram destacados pelas inúmeras avaliações do programa: cumpriram-se os objetivos fixados e avançou-se em muitos aspectos não previstos. (Campello, 2013, p. 23)

O termo “comunidade”, adotado por nós e inclusive pelos habitantes de Água Boa II, pode ser definido como um agregado populacional e condensa o sentido do que é comum entre indivíduos que moram em uma determinada localidade. Essa definição se coaduna com o que diversos estudos indicam a respeito das comunidades geraizeiras – populações que habitam os campos gerais do Norte do estado de Minas Gerais –, que se caracterizam como defensoras de seus territórios e dos seus recursos, assumindo uma reafirmação identitária, um fortalecimento em decorrência de um reconhecimento do grupo no favorecimento da ação coletiva (Brito, 2013). Sabemos que os métodos empregados nas produções manuais são fundamentais para o entendimento da tradição e da história cultural de uma comunidade, e principalmente de seu desenvolvimento e crescimento local. Segundo Leonardo Boff (2010), tais tradições e saberes não devem ser desprezados nem desvinculados da questão ambiental:



Os seres humanos e o mundo natural seguem uma trajetória de colisão. As atividades humanas desprezam violentamente e, às vezes, de forma irreversível o meio ambiente e os recursos vitais. [...] mas agora, no contexto atual, quando os dados empíricos apontam as graves ameaças que pesam sobre o sistema da vida, elas ganham atualidade. Não convém menosprezar o valor daquele apelo. (Boff, 2010, p. 55 - 56)

Na atualidade, com o produtivismo desenfreado, faz-se necessário refletir sobre as questões referentes ao capitalismo selvagem que assola todo um território em tímido desenvolvimento. Segundo Leonardo Boff (2010, p. 56), “Temos que entender que a sustentabilidade global só será garantida mediante o respeito aos ciclos naturais”. O consumo torna-se cada vez mais estimulado e estimulante, ignorando os costumes e valores tradicionais, contribuindo para a perda da identidade cultural de comunidades tradicionais, especialmente no atual contexto de globalização e consequente aculturação em que o lema é a busca por uma vida melhor: “Entretanto, para que alguns pudessem ‘viver melhor’, milhões e milhões tem e tiveram de ‘viver mal’. É a contradição capitalista” (Boff, 2010, p. 196-197).

Seguindo este raciocínio, podemos perceber, nas atividades dos artesãos em foco, mecanismos que envolvem questões emergentes de sustentabilidade e de ciência, pois todo o material usado é reciclável ou oriundo de fontes renováveis, contribuindo assim para a preservação da natureza. Nossos artesãos usam caixas de papel, capim, palha seca de bananeira e sacos plásticos, mantendo suas práticas em dias com a atual abordagem a respeito da sustentabilidade.

Importa destacar, nesse contexto, o protagonismo feminino no conhecimento da ciência e da técnica na arte de moldar a argila, papel lembrado por Joaquim Chavarria (1997), segundo o qual é necessário o domínio de determinadas técnicas formais para modelar, amassar, queimar e decorar a cerâmica, processo que requer também, por parte do artesão ceramista, conhecimento do barro apropriado e das técnicas de secagem, ciência geralmente dominada por mulheres que a repassam para suas filhas ao longo das gerações.

O fazer artesanal não se restringe ou se limita à simples subsistência de quem o pratica, pois há de ser levado em consideração ainda o seu aspecto artístico e científico, bem como seu caráter de arte popular e deve, portanto, ser preservado na sua forma mais autêntica (Oliveira, 2007). Cada tipo de artesanato reúne um legado histórico, valores culturais, tradicionais, práticas inerentes ao jeito de modelar de cada artesã, de modo que o produto artesanal diferencia-se pela origem, pelo modo de



confeção, até mesmo pelo modo de acabamento de cada peça, caracterizando o que se convencionou chamar de sabedoria popular. Tais práticas contribuem sobremaneira para a formação dos seres humanos com elas envolvidos, ajudando a colocar em xeque a crença segundo a qual a educação se resume ou se restringe às salas de aula, às bibliotecas e laboratórios. Essas práticas artesanais ganhariam novos significados se adentrassem as salas de aula que cultivam apenas o ensino formal e livresco. Pensando nos filhos e filhas das mulheres artesãs da comunidade aqui estudada, que precisam frequentar as escolas do campo, acreditamos que a adoção de práticas educativas que absorvam seus saberes será de enorme contribuição para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na comunidade em que vivem, e como cidadãos brasileiros, algo que fortaleceria a prática educativa do campo, fazendo-a dialogar efetivamente com os conceitos teóricos estipulados nos currículos para a educação do campo, existentes muitas vezes só na teoria e no papel.

Segundo Roseli Caldart (2002, p.18), “A perspectiva da Educação do campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham no campo, para que se encontrem, se organizem e assumam a condição de sujeito da direção do seu destino”. Propõe-se aqui um diálogo entre a cultura das experiências vividas e o conhecimento científico para o efetivo sucesso das ações educativas nas escolas do campo brasileiras. Costa e Correia (2013) apontam o quanto é essencial ter um olhar voltado para as classes sociais economicamente vulneráveis. Nessa mesma direção, Caldart (2002) observa que, em cenários sociais assim constituídos, faz-se necessário entender as relações sociais, inclusive como elas são estabelecidas:

A educação do campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que por trás da indicação geográfica e da frieza de dados estatísticos está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais. (Caldart, 2002, p. 19)

De acordo com Paulo Freire, é imprescindível respeitar e entender esses saberes adquiridos na vivência de cada indivíduo, haja vista que a educação transforma o sujeito por meio de sua história: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias” (Freire, 2018, p. 38). Por isso mesmo, complementa o



autor,

(...) a educação, para não instrumentar tendo como objeto um sujeito – um ser concreto, que não somente está no mundo, mas também está com ele –, deve estabelecer uma relação dialética com o contexto da sociedade a qual se destina, quando se integra neste ambiente que, por sua vez, dá garantias especiais ao homem através de seu enraizamento nele (Freire, 2018, p. 83).

A busca pelo entrelaçamento desses saberes – ciência e cultura – na formação do homem se faz cada vez mais urgente, algo que deve contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica que capacite o homem, no interior de uma sociedade, a responder os desafios do mundo, a temporalizar os espaços geográficos e a fazer história pela sua própria atividade criadora (Freire, 2018, p. 4).

Assim, entender a identidade construída por cada sujeito, no seu local de trabalho ou nos diversos meios em que circula, revela-se como uma das principais premissas para o estudo e a compreensão da pessoa do campo. As pessoas que residem e/ou trabalham no campo compõem um amplo grupo que também luta por uma educação diferenciada, especialmente porque, segundo Caldart e Castagna (2009, p. 153), essa parcela do povo brasileiro que vive no campo tem sido historicamente vítima da opressão e da discriminação, que é econômica, política e cultural. Nessa perspectiva, a educação do campo, no Brasil, vem representando uma ala muito maior na luta por direitos e inclusão social. Sob essa ótica, nossa pesquisa se norteia pela seguinte pergunta: Como se dá o processo de fabricação do artesanato de barro na comunidade Água Boa II e como podemos relacioná-la com a educação do homem do campo?

Investigação, Metodologia e Procedimentos

O presente trabalho, de natureza qualitativa e etnográfica, tem como objetivo investigar detalhes da produção do artesanato de barro realizada pelo grupo de artesãs da comunidade Água Boa II, com foco na produção atual e nas condições contextuais sociais, institucionais e ambientais. Em muitos aspectos, essas condições contextuais podem influenciar substancialmente todos os eventos humanos (Yin, 2016, p. 23). O pesquisador tem que estar inserido diretamente no local em que a pesquisa será desenvolvida para que possa fazer uma abordagem qualitativa dos dados e informações coletadas e possa responder questões sobre o porquê das



escolhas das entrevistadas e da escolha do tema. De acordo com Ludke & André, o estudo de caso compreende três fases, “sendo uma primeira aberta ou exploratória, a segunda mais sistemática em termos de coletas de dados e a terceira consistindo na análise e interpretação sistemática de dados e na elaboração de relatório”, sendo que, em alguns momentos, “essas três fases se superpõem em diversos momentos, sendo difícil precisar as linhas que as separam” (Ludke & André, 1997, p. 21).

O trabalho, a quatro mãos, consiste em uma pesquisa de campo, sendo que a co-autora acompanha duas artesãs, com idades diferentes, no processo de confecção das peças. Durante todo o procedimento, foi elaborado um diário de campo, contendo as observações relacionadas e as entrevistas. As mulheres entrevistadas foram abordadas em tempo distintos enquanto confeccionavam seus artefatos de barro.

Uma das entrevistadas foi selecionada por trabalhar há mais tempo com o artesanato e pelo fato de produzir artefatos domésticos maiores, como filtros, moringas, panelas, dentre outros. Já a outra entrevistada é uma mulher mais jovem, que confecciona peças ornamentais como cofres, presépios de natal, joguinhos de panelas, miniaturas artesanais, etc. A pesquisa, como já mencionado, foi desenvolvida em três etapas:

- 1) Levantamento de estudos teóricos que permitissem entender a comunidade local, buscando uma proximidade com as questões culturais, tradicionais e econômicas.
- 2) Realização de entrevistas com duas artesãs que estão até hoje atuando na fabricação de artefatos.
- 3) Análise dos dados coletados.

Coleta de Dados: Educação do Campo e a Cultura de Mulheres Artesãs

As entrevistas com as artesãs e os dados coletados exigiram a elaboração de um diário de campo de pesquisa, no qual a co-autora fez suas anotações relativas ao território, ao ambiente, à cultura local e aos dados sobre educação. O documento registrou o passo a passo da confecção dos artefatos de barro. Para se referir às entrevistadas, adotamos as denominações “artesã 1” e “artesã 2” visando o sigilo da identidade das participantes, de acordo com orientações éticas. As artesãs são donas de casa, cuidam dos filhos, do marido e ainda são responsáveis pela venda das peças de artesanato nas feiras populares, aos sábados, na cidade de Rio Pardo de Minas –



MG.

A artesã 1 tem 26 anos de idade, casada e mãe de dois filhos, trabalha na produção de artesanatos de peças pequenas. A artesã 2 tem 42 anos de idade, casada, mãe de quatro filhos, fabrica peças maiores para uso doméstico. Trata-se de um trabalho coletivo, haja vista que ambas contam com a ajuda dos filhos e do marido durante todo o processo de fabricação.

Enfatizamos que a maior parte da renda familiar de ambas vem do artesanato, mas em alguns momentos contam com um complemento da renda dos maridos, que são agricultores. Essa complementação ocorre principalmente na época das chuvas, quando fica inviável a produção devido a ausência de sol para secagem das peças. Assim, o cenário analisado é composto de artesãs e agricultoras que desenvolvem um trabalho familiar coletivo, com alternância da fonte de renda principal e complementar.

Caracterização do Local da Confecção dos Artesanatos de Barro: Cultura e Ciências

A comunidade Água Boa II está localizada na região norte do estado de Minas Gerais e ajuda a compor as 96 comunidades do município de Rio Pardo de Minas (Sebrae, 2003). O seu nome é decorrente da existência de duas associações de moradores do rio Água Boa, e a definição do limite entre as duas comunidades foi realizada pelos próprios moradores, Água Boa 1 e Água Boa 2. Em 2005, dados obtidos sobre o mapeamento da comunidade Água Boa 2 demonstram que moravam aproximadamente 400 pessoas distribuídas em 81 residências, e que crianças e adolescentes (idade inferior a 18 anos) representavam 40% da população local. O estudo indica também a dificuldade em determinar o número exato de habitantes em decorrência da situação flutuante decorrente da migração dos adultos e jovens, sobretudo homens, em busca de emprego (Correia, 2005).

A agricultura para autoconsumo e a venda de produtos locais é parte do provimento das famílias (Froes, 2017). O trabalho feminino se destaca na comunidade. Nas feiras semanais, são comercializados produtos agrícolas e artefatos feitos pelas mulheres da comunidade: alimentos caseiros e artesanais como biscoitos, polpas de frutas e óleo de pequi; objetos artesanais como chapéus de palha e utensílios de barro (Froes, 2017).



Análise das Entrevistas Realizadas com as Mulheres Artesãs: A Ciência do Barro

Nesta seção, analisaremos as entrevistas feitas com as artesãs 1 e 2. Chamamos a atenção para os relatos, os lugares da memória, a descrição das vivências, e principalmente para os relatos sobre o fazer artístico-artesanal e sobre sua própria cultura. As mulheres comentam como são feitas as peças e enfatizam a importância dessa arte para as suas vidas e para a comunidade. Os relatos foram colhidos enquanto as artesãs moldavam suas peças. Vejamos:

Co-autora: Nos dias atuais, qual a importância do artesanato para a comunidade?

Artesã 1: Para a comunidade é importante porque é uma tradição, e uma coisa assim que vem de avô. Avô passa né para filho, vai passando pra neto e uma coisa assim né tradicional da comunidade mesmo, tinha bastante gente acho que tinha mais que hoje, tem muito tempo que fazem na comunidade, até um que dia mesmo tinha até um pratinho quebrado à beira da estrada, aí pai disse que foi a bisavó nossa que tinha feito. Toda vez que passava lá e via o pedacinho lá, pai mostrava e falava foi minha vó que fez. Então assim e muitas pessoas faziam. Agora muitos estão deixando acabar, quase ninguém quer fazer mais.

Como é possível perceber no relato da entrevistada, o artesanato tem sua importância por se tratar de uma tradição “que vem de avô”, afirmação que dá a medida de como o sujeito cultivava os valores enraizados na coletividade, passados de geração a geração. O relato de que antigamente muita gente fazia as tais peças e que hoje são poucas as que fazem, demonstra um sentimento de perda cultural, haja vista que os mais velhos vão morrendo e os jovens não querem levar a prática adiante. Consta que até o ano 2000 havia várias artesãs que desenvolviam essa prática cultural, hoje são seis apenas que continuam cultivando a feitura de peças, mas em quantidades bem menores.

Co-autora: Antes, os artefatos eram muito usados no dia a dia para cozinhar e para armazenar água. O que ocasionou a desvalorização do artesanato nos dias de hoje?

Artesã 1: Você pode ver que as coisas estão modernas. Vamos supor: as pessoas hoje não usam uma botija para colocar água, um filtro para colocar água, é raro, porque tem a geladeira, já tem os vidros, panelas para cozinhar, hoje só se for panela de pressão, não usam mais. Café só usam hoje na garrafa, não usam gelar aqueles bules mais, acabou; e porque as pessoas hoje querem as coisas mais fácil, não quer as coisas mais difícil, que acha assim que é feio, mas não é feio é uma coisa que é boa também pela saúde;



remédio mesmo, a maioria dos remédios para anemia assim, para vários problemas, são feitos mais nas panelas de barro, muita gente na cidade me encomenda e fala: “quero para fazer remédio”.

De acordo com a artesã 1, a desvalorização da tradição ocorre em virtude de uma maior difusão dos artefatos tecnológicos. Antes eram muito utilizados os utensílios de barros para uso doméstico: cozinhar, armazenar água, etc. Hoje, tais ferramentas foram substituídas por objetos mais modernos, pois as pessoas buscam mais “facilidades” e até mesmo acham feios alguns objetos artesanais. Mesmo diante desses relatos que atestam a desvalorização do “antigo”, ela insiste na importância de se continuar utilizando os artefatos de barro. Do ponto de vista da medicina popular, tais objetos, uma vez utilizados para cozinhar, podem prevenir alguns tipos de doenças. Quando ela afirma que o cliente compra o artefato alegando “quero para fazer remédio”, parece estar se justificando pela compra de algo que está em desuso. Com o desenvolvimento das tecnologias avançadas, os achados culturais perdem espaços para as criações modernas, como é o caso da substituição da moringa de barro pela geladeira; da panela de barro pela panela de pressão. Em destaque o trecho da Artesã 1 [“antigamente a moringa era a geladeira e hoje agora tudo ficou moderno”]. Segundo outro morador local, “parece que a água da moringa era doce, hoje em dia muitas crianças nem sabem o que é uma moringa de barro”.

Co-autora: Em que épocas do ano você mais vende?

Artesã 1: É, eu vendo mais em dezembro e junho, que tem mais pessoas de fora que vêm passear. Mês de outubro também tem vez que vêm passear no feriado de dia doze de outubro. Se vir a gente vende também, mais mesmo é dezembro e junho. Nas outras épocas, vendo pouco, mas tem horas que faço 50 reais por feira, aí não dá, pego dinheiro de outra coisa, muitas vezes faço adesivos para unha, outros artesanatos e também o serviço do meu marido que trabalha por dia. [As pessoas de fora dão mais valor no trabalho da gente, porque já estão acostumados. Todos os dias vendo].

A pergunta tinha como objetivo motivar a artesã a falar sobre a venda das peças, e sobre se consegue manter-se com o dinheiro arrecadado. A entrevistada relata as dificuldades com a venda, sendo que são mais lucrativas em épocas festivas e em feriados prolongados, como dezembro, junho e outubro, quando as pessoas vêm passear ou visitar familiares. Estes são os potenciais compradores. Fora dessas épocas, as vendas são escassas, de modo que a renda é complementada com o dinheiro do marido agricultor. Segundo ela, os visitantes se interessam pelas peças



por não conhecerem, sinalizando para uma desvalorização dos artefatos na própria comunidade.

Co-autora: Por que você decidiu fazer peças pequenas?

Artesã 1: Preferi as menores porque dá menos trabalho que as grandes, e é mais fácil para vender. Muitos compram para enfeite. Vamos supor, se eu fazer uma botija a pessoa só vai comprar se for colocar água, ou pote ou filtro e se for grande eles não vão querer. Os joguinhos eles compram para dar de lembrança ou para colocar de enfeite em casa vendem mais que vasilhas grandes, é mais fácil até para carregar.

Segundo a Artesã 1, a decisão de compor peças menores foi motivada pela facilidade de produção e de transporte até o local da venda. E devido à demanda também ser maior, sendo mais procuradas para decoração, pois o uso dessas peças é raro, mesmo sendo benéficas à saúde. Faltam estímulos locais para o uso, algo que estimularia as vendas, no entanto, quando as peças são encomendadas para fins domésticos, ela as produz maiores.

Co-autora: Qual a importância do artesanato para a sua vida?

Artesã 1: O artesanato na minha vida é tudo, porque a gente distrai a mente na hora que está mexendo com o barro, é um passa tempo e, se tiver algum coisa ruim na cabeça, a gente esquece tudo. É uma terapia, é uma coisa assim, enquanto estiver aguentando, estou fazendo até o dia que Deus quiser porque eu gosto muito.

A artesã resume a importância de sua arte na simples expressão: “na minha vida é tudo”. Relaciona o trabalho com o barro ao entretenimento, um passa tempo, algo que para ela funciona como uma terapia. Segundo Albornoz (2002, p. 38.), “no mundo industrial falta o vínculo entre o trabalho e o resto da vida”, algo que percebemos ocorrer aqui, no cotidiano da artesã. Em sua fala, deixa transparecer o prazer em fabricar as peças; seu olhar traduz essa sensação. Enquanto observava seu trabalho, pude perceber que ela modela as peças com amor e dedicação. Observando o cenário de produção das peças e através das conversas, verifiquei que as peças são únicas, e que, apesar de semelhantes no aspecto, nunca são exatamente iguais.

Co-autora: É necessário misturar dois tipos de barros para a confecção das peças? Por que essa mistura é necessária?

Artesã 1: Por que tem barro que é areento demais, outro liso, [...] junta o mais liso com o



mais areento para dar uma liga melhor. Porque se não fizer essa mistura certa, a moringa pode não dar certo, a panela pode estourar, para saber qual barro dar certo tem que fazer teste, [...] faço a panela mesmo e falo: experimenta mãe para ver se é bom. Aí mãe cozinha nela e fala esse barro é bom, então já sei, e faço as outras peças.

A artesã 1 menciona a necessidade de o artesão conhecer seu material de trabalho, de dominar técnicas que são adquiridas ao longo dos anos, no exercício da arte de moldar o barro. A mistura do barro “areento” (com areia) com o barro mais liso é necessária para que a panela fique mais resistente e não venha a “merujar” (vazar em virtude de rachaduras). Caso haja vazamentos ou seja constatada a fragilidade das peças, novas misturas e testes serão necessários até que se encontre o ponto exato de fusão. Em se tratando da quantidade de barro usada na mistura, nota-se a existência de práticas cotidianas realizadas sem o uso de instrumento de medida. Segundo Albornoz (2002, p. 39), “no artesanato, o trabalho não obedece a nenhum motivo ulterior além da confecção do produto e dos processos de sua criação: a esperança de fazer um bom trabalho, realizar um produto, é a arte de fazê-lo”. São basicamente esses os conhecimentos que regem o fazer do artesão.

Co-autora: Há quanto tempo a senhora trabalha com artesanato de barro?

Artesã 2: Desde criança, com minha mãe, bastante tempo, acho que uns 25 anos, mamãe fazendo os grandes e eu fazendo cofrinhos. Essa é a herança que ela deixou para mim. Comadre N. aprendeu com ela também, e agradeço muito a Deus. Nossa! Tem hora que falo: esse serviço me ajudou tanto a criar meus filhos, roupinhas, material de escola, tudo de servicinhos de barro, servicinhos de vasilhas, até hoje agradeço muito. Agora que estou brecando por causa da coluna, faço bem mais pouco.

O depoimento da artesã 2 sintetiza o conceito de herança cultural, segundo o qual os conhecimentos são passados de pai para filho, e ainda para outras pessoas que se interessam por essa cultura. A gratidão em poder levar a tradição adiante é um dos pontos que chama a atenção no relato, bem como o fato de o cultivo do barro gerar renda para garantir a subsistência da família. Durante a entrevista, a co-autora pode observar os netos da artesã brincando com a argila, talvez uma nova geração de artesãos.

Co-autora: Qual a importância do artesanato para sua vida?

Artesã 2: Ah! É muito. Nossa! Se for falar a importância que tem, é tudo. Coisa que veio não só da minha mãe, mas assim desde dos meus avós, passando de geração. Então,



para mim, é tudo. Faço isso com grande amor, assim, sentada aqui, fazendo as vasilhas, fico agradecendo a Deus por esse dom que Deus me deu, de aprender assim essa coisa tão simples, ver assim da terra Deus nos deu essa sabedoria para dali virar essa arte [...] Para mim, é tudo.

Assim como a primeira artesã entrevistada, a segunda associa a arte de moldar de barro a um dom divino e expressa a mesma gratidão de poder perpetuar uma arte que herdou de sua mãe. Ambas alegam confeccionar as peças “com muito amor”.

Co-autora: Antes, na comunidade, havia um número considerável de artesãs atuando com o barro. E hoje?

Artesã 2: Quem sabe? Acho que a geração de hoje, preferem sair, trabalhar fora. Os jovens têm vergonha de trabalhar nesse serviço, não são todos, eu acho... Sabe, devido não usar mais a botija, que foi substituída pela garrafa térmica, com um tempo, eu te falo, vai ficar só para a amostra, enfeite, decoração.

No depoimento da artesã, a constatação de que as novas gerações, atraídas pelas promessas da modernidade, resistem à cultura do barro por sentirem vergonha de lidar com uma atividade ligada a terra. Outras necessidades se impõem e muitos jovens migram para os aglomerados urbanos à procura de emprego. Com isso, podemos ver como é comum, na região estudada, o êxodo do campo para a cidade. Segundo Albornoz (2002, p. 27), “o crescimento das cidades também se deve às imigrações, a necessidade de imigrar do campo por falta de uma boa distribuição de terra”. O autor destaca que a migração é impulsionada pela má distribuição de terra para o trabalhador camponês, porém, ressaltamos ainda que outros fatores regem essa dinâmica, como falta de escola, de instituições sanitárias, de água para o cultivo agrícola, de chuvas regulares, dentre outros.

Etapas da Confeção das Peças Artesanais de Barro: Investigação na Educação do Campo da Cultura e Ciências

A co-autora acompanhou as artesãs até ao local de extração do barro, e também aos fornos onde as peças são feitas e queimadas. Foram tiradas algumas fotografias do local e do processo de feitura das peças. Durante o acompanhamento, que durou alguns dias, buscou-se entender todo o processo de confecção do artesanato, desde a retirada do barro até à comercialização das peças. Dentre as anotações constantes do Diário de Campo, elaborado durante o processo de observação e conversas,



constatou-se que a cultura da cerâmica, cultivada pelas mulheres da comunidade de Água Boa II consiste em uma atividade cultural que manteve e mantém a economia da comunidade por décadas, principalmente entre 1980 e 2000, período em que várias famílias viviam dessa prática. Todo o processo começa com a exploração do barreiro (Figura 1), local de onde se extrai o barro.



Figura 1: Barreiro. Fonte: Arquivo Pessoal.

O marido de uma das artesãs acompanhou todo o processo, ajudando a desmontar o barreiro e a separar a terra inutilizável, haja vista que o barro adequado encontra-se nas camadas sedimentares mais internas. Não é qualquer barro que serve para a confecção das peças. Os barreiros ficam mais ou menos a 1 km de distância um do outro. O marido arranca os torrões de barro e a artesã os seleciona, dispensando aqueles que têm um alto teor de areia. O barro apropriado tem que ser puro e os torrões são extraídos ainda úmidos, sendo depois expostos ao sol para secar. “Ficando mais leves para transportar” até ao local de produção, relata a artesã. O transporte é feito de carriola ou carrinho de mão (Figura 2) e as peças são feitas em um barraco do lado da casa, construído especialmente para a confecção dos artefatos.



Figura 2: Carrinho de mão. Fonte: Arquivo Pessoal.

A segunda tem início no local de confecção. O barro é depositado sobre um couro e com a ajuda de um machado é pisado e peneirado para que o pó seja separado dos grãos, os quais são colocados para “pubar” (amolecer) com água. Em seguida, o barro é amassado até ganhar consistência para levantar as peças, de modo que tudo é feito manualmente. Cada peça é moldada sobre uma tábua de madeira (Figura 3).



Figura 3: Preparação do barro. Fonte: Arquivo Pessoal.

Depois de preparado, o barro está pronto para a feitura das peças. Um sabugo de milho e uma cuitebas² são utilizados para dar o acabamento das vasilhas. O processo de acabamento de cada peça dura aproximadamente dois dias (Figura 4).



Figura 4: Confecção das peças. Fonte: Arquivo Pessoal.

A figura 5 mostra como é feito o acabamento de cada peça. Uma irmã ajuda a outra no processo e, enquanto ambas aparam as arestas, se divertem, conversam,

³Cuitebas: pedaços de cabaças secas.

trocam experiências.



Figura 5: Finalização das peças. Fonte: Arquivo Pessoal.

As artesãs fazem várias peças de tamanho e modelos diferentes. No entanto, cada peça é única. Não usam forma nem medidas.

Abaixo uma moringa (Figura 6), um dos utensílios mais usados no interior do Brasil para conservar água. As artesãs costumam levar moringas para o local de trabalho com água para beber, haja vista que o barro tem a propriedade de deixar a água bem fria e boa para o consumo.



Figura 6: Moringa pronta para ser queimada. Fonte: Arquivo pessoal.

Depois de moldadas, as peças são expostas ao sol para secar, raspadas com uma faca e lixadas com um sabugo de milho e uma pedra; uma vez lisas, são levadas ao fogo. São distribuídas em um forno feito especialmente para a queima das peças. A lenha usada no forno é toda transportada de carrinho de mão. Demora cerca de três

horas até ficarem prontas para a venda.



Figura 7: Momento da queima. Fonte: Arquivo Pessoal.

O momento da queima requer muita atenção e a artesã fica por perto durante todo o processo, controlando a intensidade do fogo, que deve ser baixa, pois calor intenso pode ocasionar a quebra das peças. As vasilhas estão prontas quando as chamas surgem na parte de cima do forno (Figura 8).



Figura 8: Forno onde são queimadas as peças. Fonte: Arquivo pessoal.

As primeiras artesãs usavam para decoração uma tinta extraída de um tipo de solo denominado “toa” – terra vermelha. A pintura das peças era feita antes da queima. Com o tempo, a referida matéria-prima foi ficando cada vez mais escassa e hoje em dia as artesãs usam uma tinta comprada na papelaria para decorar as peças. Agora a pintura é feita no final do processo, quando as peças já estão queimadas (Figura 9).



Figura 9: Peças pintadas secando ao sol. Fonte: Arquivo Pessoal.

A terceira etapa compreende a embalagem das peças e ocorre quando já estão prontas para a comercialização. Por serem muitos frágeis, as peças são embaladas em caixas de papelão, campinho ou palha seca de bananeira, e na maioria das vezes são transportadas no ônibus que faz a linha da comunidade para a cidade de Rio Pardo de Minas. A comercialização ocorre aos sábados, ocasião em que os artesanatos são expostos no mercado municipal da cidade de Rio Pardo de Minas (Figura 10).



Figura 10: Transporte das peças para o mercado da cidade. Fonte: Arquivo Pessoal.

O artesanato incrementa a economia da comunidade, ao mesmo tempo que integra parte importante da cultura de um povo. As técnicas artesanais utilizadas pelas mulheres da comunidade lhes foram passadas de mãe para filha e assim de geração a geração. A prática tem uma relação íntima com o saber fazer e com o cotidiano das famílias envolvidas no processo de fabricação dos artefatos. Apesar de restrita, a comercialização de tais produtos, hoje, ainda ocorre, apesar de estar presente apenas em espaços reservados para a exposição de artefatos folclóricos, como o mercado municipal (Figura 11). Segundo relato de uma das artesãs, tais produtos, antes de se

“folclorizarem”, eram vendidos em larga escala. Ela lembra que, quando criança, vinham caminhões de São Paulo que levavam as peças para serem vendidas nas feiras e exposições distantes, sendo que já chegou a entregar 500 peças de uma só vez para os atravessadores.



Figura 11: Peças expostas à venda. Fonte: Arquivo Pessoal.

O valor irrisório pago pelas peças atesta o grau de desvalorização dos artefatos e dos conhecimentos tradicionais. Uma das formas de preservar esses conhecimentos, valorizá-los aos olhos das novas gerações, seria talvez introduzindo-os nas grades curriculares das escolas da educação do campo, ou ainda nas universidades públicas brasileiras em cujas grades curriculares constam disciplinas ligadas à terra, às tradições e aos valores do homem do campo. Acreditamos que o estudo das técnicas e dos conhecimentos tradicionalmente adquiridos no âmbito da escola do campo ou das universidades públicas possa oferecer novas perspectivas de produção e comercialização de uma arte praticada secularmente pelas mulheres do interior de Minas Gerais, contribuindo para que seus filhos, mesmo obtendo um diploma de nível superior, possam unir tradição e modernidade no trabalho com a terra de origem.

Considerações Finais

Em linhas gerais, destacou-se a relevância do artesanato para a vida das mulheres da comunidade de Água Boa II, em Minas Gerais, bem como para a subsistência de suas famílias. A observação das técnicas de fabricação dos artefatos de barro, bem como do contexto em que se dá essa produção, revelou que, para além



do suporte financeiro, a prática permite que as poucas mulheres ainda envolvidas no processo preservem valores transmitidos de geração em geração e assim fazendo, garantam a preservação da tradição, embora ela se refaça a cada nova peça confeccionada, como foi possível perceber na transição do uso da tinta extraída do barro vermelho para um método de decoração mais artificial dos vasos.

Em alguns momentos, as artesãs destacam que, dos anos 2000 para cá, muita coisa foi se perdendo; a comunidade foi perdendo o interesse pelos utensílios de barro em virtude do avanço de tecnologias domésticas mais modernas; além do mais, relatam que seus filhos sentem vergonha de serem associados à cultura do barro, como se essa prática fosse algo derogatório e primitivo. Destacamos que, para uma possível reversão desses novos valores equivocados, as escolas do campo e as universidades públicas, voltadas para essas comunidades, deveriam incluir em seus currículos o estudo científico das técnicas e procedimentos empregados no trabalho com o barro, de modo não só a valorizar essa cultura como também elevá-la aos olhos das novas gerações, oferecendo-lhes ferramentas modernas para uma retomada da tradição numa perspectiva mais empreendedora, algo que manteria provavelmente parte desses jovens em sua terra de origem, longe de padecer as contradições da cidade grande.

Destaque maior para tão importante trabalho, realizado exclusivamente por mulheres em contextos brasileiros tradicionalmente reservados ao braço masculino. Essas mulheres artesãs não só declaram amor pelo que fazem, como também se ressentem do contínuo desinteresse de sua comunidade pela arte de moldar a barro. Enquanto moldam o barro, moldam também suas vidas e a de suas famílias; garantem a sobrevivência de todos; a permanência na terra e a preservação da tradição.

Sentimos falta de políticas públicas que deem suporte ao trabalho das artesãs, algo que também contribui para a desvalorização do trabalho artesanal. As artesãs não têm espaço para expor ou até mesmo comercializar seus produtos. Oferecer um espaço onde elas possam comercializar sua arte significa reconhecimento e valorização, mesmo que minimamente, do trabalho artesanal no Brasil, tendo em vista que essa situação se repete em todo o território nacional.

Muitas ocorrências marcaram esta pesquisa de campo: os cafés tomados entre uma visita e outra; as conversas e risadas nos intervalos entre uma entrevista e outra, pretexto para que ouvíssemos também relatos da vida cotidiana, das histórias de lutas com a terra, dos desafios enfrentados e superados.



Esperamos que esse trabalho inspire e fortaleça a identidade e a perseverança das mulheres artesãs da comunidade Água Boa II, e das mulheres em geral, ao evidenciar sua força e persistência como mantenedoras e guardiãs de um legado cultural que, aos poucos, por diversos fatores e adversidades, vai sendo apagado de nossa memória.

Referências Bibliográficas

- Albornoz, S. (2002). *O que é trabalho*. Brasiliense (Coleção Primeiros Passos).
- Boff, L. (2010). *Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*. Record.
- Brito, I. C. B. (2013). *Ecologismo dos Gerais: conflitos socioambientais e comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais*. Tese de Doutorado, Brasília: Universidade de Brasília.
- Caldart, R. (2002). Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: E. J. Kolling, P. R. Cerioli, & R. S. Caldart. *Educação do Campo: Identidade e políticas Públicas*. Articulação Nacional por uma Educação do Campo (Coleção por uma Educação do Campo, 4).
- Caldart, R. S., & Castagna, M. (Org.). (2009). *Por uma Educação do Campo* (4.ed.). Vozes.
- Campello, T. Uma década derrubando mitos e superando expectativas. In: N. Campello (Orgs.). (2013). *Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania* (pp. 15-24). Ipea.
- Canclini, N. G. (1983). *As culturas populares no capitalismo*. Trad. Cláudio Novaes P. Coelho. Brasiliense.
- Chavarria, J. B. (1997). *A cerâmica*. Trad. Rui Pires Cabral. Estampa.
- Correia, J. R. (2005). *Pedologia e Conhecimento Local: Proposta Metodológica de Interlocação Entre Saberes Construídos por Pedólogos e Agricultores em Área de Cerrado em Rio Pardo de Minas, MG*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Agronomia) - Instituto de Agronomia, UFRJ.
- Costa, A. L. P., & Correia, F. R. F. (2013). Da Escola Pública à Universidade. IV SHIAM - IV Seminário Nacional de Histórias e Investigações de/em aulas de Matemática. *Aprendizagens e Desafios em Comunidades de Professores que Ensinam Matemática. Anais*. Campinas: FE/ UNICAMP, Vol. 4, 1-6.
- Costa, A. L. P. (2017). Políticas Públicas na Educação do Campo: fincando estacas na lama e aterro com tijolos na estrada para chegar até a escola. In: *Formação de*



- professores: contextos, sentidos e práticas* (pp. 22932 – 22941), v. XIII, Editora Universitária Champagnat, Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PUCPR, https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25772_14068.pdf
- Freire, P. (2018). *Educação e Mudança* (38.ed.). Paz e Terra.
- Froes, L.T. M. (2017). Tecendo caminhos, ocupações e percepções: a diversidade das experiências de trabalhadores rurais temporários do norte de Minas Gerais. *Revista Raízes*, 37(1), 39-52.
- Ludke, M., & André, M. E. D. A. (1997). *Pesquisa em educação abordagens qualitativas*. Pedagogia Universitária.
- Lima, I. L. P., Scariot, A., Medeiros, M. B., & Sevilha, A. C. (2012). Diversidade e uso de plantas do Cerrado em comunidade de Geraizeiros no norte do estado de Minas Gerais, Brasil. *Acta Botânica Brasilica*, 26(3), 675-684.
- Oliveira, C. D. (2007). *As relações artesanais e o estímulo ao desenvolvimento local no Brasil, em Gouveia-MG e outras diferentes escalas*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais: Instituto de Geociências.
- Sartori, S., Latrônico, F., & Campos, L. M. S. (2014). Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. *Ambiente & Sociedade*. 17(1), 1-22.
- Sebrae-Mg. (2003). *Diagnóstico municipal: Rio Pardo de Minas*. Montes Claros, 1 CD-ROM (Programa Grande Sertão).
- Yin, R. (2016). *Pesquisa qualitativa. Do início ao fim*. Porto Alegre: Editora Penso.